

Formas de heterogeneidade enunciativa mostrada em textos escritos por moradores de Estrela de Alagoas sobre a toponímia oficial e paralela

Forms of enunciative heterogeneity shown in texts written by residents of Estrela de Alagoas on official and parallel toponymy

Pedro Antonio Gomes de Melo¹
Universidade Estadual de Alagoas

Resumo: Este artigo objetivou identificar as formas de heterogeneidade enunciativa mostrada, analisando seu funcionamento textual em produções linguísticas escritas por moradores do município de Estrela, de Alagoas, sobre o uso dos topônimos institucional e popular, na sincronia atual, para designar a referida unidade político-administrativa municipal alagoana, compreendendo esses textos como objeto constitutivamente polifônico e dialógico. Com efeito, buscou-se problematizar como se dão as vozes sociais do popular (representada pela comunidade local) e do institucional (representada pelo Estado) e as representações que esse grupo social faz desses topônimos. Quanto à metodologia, além de estudos bibliográficos, utilizamos a pesquisa de campo com a aplicação de um questionário e como base teórica às análises, foram utilizados os autores basilares como AUTHIER-REVUZ, 1990; BAKHTIN (1986, 2010); BENITES (2002); DUCROT (1987); KOCH (2003, 2014); ESPÍNDOLA (2004). As análises apontaram que as manifestações de heterogeneidades enunciativas mostradas estão presentes no funcionamento textual de produções escritas manifestadas pelos recursos de aspeamento, argumento por autoridade e modificadores, especificamente, os adjetivos e advérbios.

Palavras-chave: Linguística textual; Heterogeneidade enunciativa; Toponímia paralela.

Abstract: This paper aimed to identify the forms of enunciative heterogeneity shown, analyzing its textual functioning in linguistic productions written by residents of the municipality of Estrela de Alagoas on the use of institutional and popular toponymy, in the current synchrony, to designate the aforementioned municipal political-administrative unit of Alagoas, understanding these texts as a constitutively polyphonic and dialogical object. In fact, we tried to problematize how the social voices of the popular (represented by the local community) and the institutional (represented by the State) are given and the representations that this social group makes of these toponyms. As for the methodology, in addition to bibliographical studies, we used field research with the application of a questionnaire and as a theoretical basis for the analyzes, the authors were used basil like AUTHIER-REVUZ (1990), BAKHTIN (1986, 2010), BENITES (2002); DUCROT (1987); KOCH (2003, 2014); ESPÍNDOLA (2004). The analyzes pointed out that the manifestations of enunciative heterogeneities shown are present in the textual functioning of written productions manifested by the features of “aspeamento”, argument by authority and modifiers, specifically the adjectives and adverbs.

Keywords: Textual linguistics; Enunciative heterogeneity; Parallel toponymy.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. É professor assistente da Universidade Estadual de Alagoas. Atualmente, é doutorando em Letras na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: petrus2017@outlook.com.

Considerações preliminares

Ao nomear os municípios de Alagoas, constitui-se um recorte do léxico toponímico alagoano², em termos de sua funcionalidade descritiva ou narrativa, no qual os sentidos atribuídos aos nomes destas localidades estão correlacionados diretamente ao contexto de sua produção e de sua recepção (MELO, 2015).

O aparecimento, a mudança ou a permanência dos nomes de lugares, geralmente, estão associados a episódios que se referem a algo do mundo extralinguístico, as histórias e/ou estórias populares sobre esses sentidos se cristalizam na tradição oral dos moradores locais, atuando como meio de construção de conhecimentos sobre o homem e sua relação circundante, fortalecidas em uma memória toponímica de consecutivas gerações.

A toponímia paralela corresponde ao conjunto de topônimos não-oficiais concorrentes aos topônimos oficiais registrados em documentos do governo e reconhecidos pela administração pública. Essa toponímia popular, geralmente, não é bem-aceita por um dado grupo social e é influenciada pelo cotidiano da comunidade local, apresentando uma existência, de fato, porém à margem da toponímia institucionalizada.

No caso do município alagoano de Estrela de Alagoas, registramos o uso de três nomes para designá-lo; ora os falantes usam os topônimos populares Bola e/ou Estrela, ora usam o topônimo oficial Estrela de Alagoas, constituindo-se, assim, uma toponímia paralela.

A partir do pressuposto de que a linguagem é constitutivamente heterogênea, opaca, polifônica e dialógica, a palavra é por definição plurissignificativa podendo abrigar vários sentidos e conotar esquemas semanticamente opostos, quando empregada por grupos sociais diferentes, ela é ressignificada, conforme seja utilizada por um ou por outro grupo social. Surgiu o nosso interesse em investigarmos, na área dos estudos do texto e do discurso, como moradores de Estrela de Alagoas manifestam em suas

² Neste escrito, apropriamo-nos do conceito de léxico toponímico apresentado por Isquierdo (2012, p.116) “como o conjunto de unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos”.

materialidades textuais escritas a presença do outro como força argumentativa polifônica na aceitação ou reprovação quanto ao uso dos topônimos paralelos.

Nessa perspectiva, este estudo objetiva reconhecer as formas de heterogeneidade enunciativa mostrada e o papel dos modificadores como força argumentativa polifônica, analisando o funcionamento textual dessas manifestações em enunciados produzidos por locutores do município de Estrela de Alagoas sobre o uso dos topônimos institucional e popular³ na sincronia atual, compreendendo estas construções como objeto constitutivamente polifônico e dialógico.

Com efeito, buscamos interpretar as regularidades nessas produções textuais escritas, problematizando como se dão as vozes sociais do popular (representada pela comunidade estrelense) e do institucional (representada pelo Estado), verificando a força polifônica do aspeamento, do argumento de autoridade e dos modificadores, especificamente os adjetivos e os advérbios e, ainda, as representações que esse grupo social faz desses topônimos no funcionamento do texto.

Quanto às questões metodológicas e teóricas, além de estudos bibliográficos, utilizamos a pesquisa de campo e como base teórica às análises, foram utilizados os autores basilares (AUTHIER-REVUZ (1990); BAKHTIN (1986, 2010); BENITES (2002); DUCROT (1987); KOCH (2003, 2014).

Nosso *corpus* de análise constitui-se de vinte e seis questionários com três perguntas abertas sobre a temática do uso dos topônimos Bola, Estrela e Estrela de Alagoas na designação da referida unidade político-administrativa municipal alagoana aplicados a moradores estrelenses. (Ver em anexo 1)

Os entrevistados têm idades entre dezesseis e quarenta e sete anos, dos sexos masculino e feminino, com ensino médio completo ou em andamento. A aplicação do questionário ocorreu no período compreendido de oito a dezesseis de agosto de 2016. (Ver em anexo 2)

³ Neste escrito, utilizamos os termos: topônimo popular, topônimo paralelo, topônimo não institucional ou não oficial como equivalentes, em oposição aos termos: topônimo oficial e topônimo institucional.

Uma mirada histórica para Estrela de Alagoas: situando o universo da pesquisa

O atual município Estrela de Alagoas está localizado na Mesorregião Geográfica do Agreste Alagoano, fazendo parte da Microrregião Geográfica de Palmeira dos Índios, é limitado ao norte pelo município de Bom Conselho (PE); ao sul pelo município de Igaci; a leste pelo município de Palmeira dos Índios; a oeste pelos municípios de Minador do Negrão e Cacimbinhas.

O município se estende territorialmente por 259,8 km² e contava com 17 254 habitantes no último censo do IBGE (2010).

A densidade demográfica é de 66,4 habitantes por km² no território do município. Ele se destaca pelas festividades, tendo como principais a Festa do Caju, as comemorações de sua Emancipação Política e a Festa do Padroeiro São João Batista.

Historicamente, quando ainda era povoado, antes de sua emancipação político-administrativa, pertencia ao município de Palmeira dos Índios, era conhecido pela denominação toponímica de Bola, em razão de existirem na região muitos exemplares de animais selvagens, entre os quais se destacava o tatu-bola - denominação comum para as espécies de tatu do gênero *Tolypeutes Tricinctus* conhecida como tatu-bola-da-caatinga.

Registra a história que os moradores-fundadores da localidade pertenciam à família dos Gonzaga, tendo destaque os nomes de Antônio Gonzaga, Manoel Gonzaga e Augusto Gonzaga que, incansavelmente, lutaram pela prosperidade do então povoado Bola.

Em 1952, o padre Ludgero, sacerdote da congregação religiosa dos padres do Sagrado Coração de Jesus da paróquia de Palmeira dos Índios, celebrou a primeira missa do então povoado e, vendo a necessidade da população de instrução escolar, trouxe a primeira escola, que começou a funcionar em casa de Honorato Gonzaga, tendo como instrutora a professora Laura.

No dia 9 de janeiro de 1959, por ideia do Sr. Luiz Duarte, foi criada a primeira feira-livre, o que concorreu para um maior desenvolvimento do aglomerado rural.

Tempos depois, por sugestão do referido padre, tendo em vista o progresso que o povoado alcançou em pouco tempo de existência, ocorreu a primeira mudança toponímica e o local passou a ser denominado pelo nome de Estrela. Conta a tradição popular que o padre Ludgero teria dito: “(...) esta localidade é uma estrela brilhante”. (Enciclopédia Municípios de Alagoas, 2012, p.342)

O movimento pela emancipação político-administrativa foi crescendo entre os líderes e a população, concretizando-se com a criação do novo Município que recebeu o nome de Estrela de Alagoas em 05 de outubro de 1989, pelo artigo 41, inciso V, do ato das disposições constitucionais transitórias da Constituição Estadual, desmembrado de Palmeira dos Índios, Cacimbinhas e Minador do Negrão. Constituído do distrito sede e com emancipação que data de 05 de outubro de 1992, tendo como seu primeiro prefeito, Sr. Adalberon Alves Duarte, tomado posse no dia 01 de janeiro de 1993, data da instalação do Município.

Fundamentação teórica

Como forma de situarmos, epistemologicamente, as reflexões aqui apresentadas sobre aspeamento, argumento de autoridade e ironia, se faz mister pontuarmos algumas concepções, conceitos e categorias que nos apropriamos para chegarmos às considerações finais a respeito do funcionamento textual dessas manifestações de heterogeneidade mostrada no *corpus* examinado.

Linguagem, Sujeito e Texto

A concepção de sujeito da linguagem está, necessariamente, relacionada à noção de língua que se adote. Há, basicamente, três perspectivas. (KOCH, 2003)

A primeira que compreende a linguagem como a expressão do pensamento e corresponde ao sujeito psicológico, da consciência individual, colocando a expressão como uma atividade primária (construída no interior da mente), que ao ser externada, se configura apenas como tradução.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

A segunda concepção observa a linguagem de forma mais linear, como uma estrutura mais rígida que obedece a regras para se efetivar enquanto linguagem, tornando possível a comunicação entre emissor e receptor. Nesse sentido, compreendendo-a como sistema de estrutura – instrumento de comunicação - e está ligada à ideia de um sujeito (pre)determinado, assujeitado ao sistema.

Já na terceira concepção, a linguagem é compreendida como lugar de interação e corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial de caráter ativo. Na dizer de Travaglia, (2000, p. 23)

Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de locutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

É nessa terceira vertente que este trabalho se insere, compreendendo que a linguagem é de natureza social, portanto ideológica. Ela é constitutivamente polifônica e dialógica. Sendo assim, adotamos princípio dialógico do círculo de Bakhtin que segundo o autor:

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1986, p.123).

Com efeito, pensamos a linguagem como prática social fundamentalmente marcada pelo dialogismo e do modo como ela é afetada por fatores históricos e sociais, isso é, entendida como prática ideológica, no sentido bakhtiano, que reflete e refrata os processos históricos de articulação das relações sociais.

E ainda, compreendemos que o sujeito é constituído por diversas vozes que trazem os traços ideológicos responsáveis por interpelar um indivíduo em sujeito. Ele se

constrói historicamente e ocupa as posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para ele.

Quanto à concepção de texto, compreendemos esse como a interação entre sujeitos com objetivos sociocomunicativos, sendo o principal desses a comunicação e adotamos a noção apresentada por Koch (2014, p.30):

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Sendo assim, são vários os aspectos multiculturais que configuram um texto, pois o falante aciona uma complexa rede de fatores ao produzi-lo de forma escrita ou falada. Logo, o texto se constitui no próprio lugar de interação.

Nessa perspectiva, os possíveis sentidos e seus efeitos não estão no próprio texto, mas se constroem a partir dele. Considerando o aspecto dialógico da linguagem, a palavra “é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia (sic) sobre mim numa extremidade, na outra se apóia (sic) sobre o meu interlocutor” (BAKHTIN, 2010, p.113), ou seja, a palavra é determinada por quem a emite e também por quem a recebe.

Seguindo esse entendimento, o texto será analisado dentro de seu contexto de produção e compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, “resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas” (BENTES, 2012).

Formas de heterogeneidade enunciativa mostrada

Neste estudo, apropriar-nos-emos do conceito apresentado pela linguista francesa, Jacqueline Authier-Revuz, de heterogeneidade enunciativa para analisar algumas dessas formas mostradas em textos escritos por moradores de Estrela de Alagoas sobre a temática da toponímia oficial e paralela.

Em Authier-Revuz (1990 e 2004), a questão da heterogeneidade é postulada a partir da noção de heterogeneidades enunciativas. Conforme a referida autora, há dois tipos: a mostrada e a constitutiva, esta busca reconhecer os “processos reais de constituição dum discurso”; já aquela, busca reconhecer os “processos de representação, num discurso, de sua constituição”, identificando explicitamente o outro, delineado no interior da própria enunciação.

Segundo a referida autora francesa (1990, p.26), as manifestações de heterogeneidade enunciativa mostrada são “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso”. Ela se divide em marcada e não-marcada. A primeira consiste naquela que está explicitamente representada no discurso, que mostra o lugar do outro de forma unívoca, já, a segunda se refere àquela onde o outro é dado a reconhecer sem marcação unívoca.

Dentro do quadro de manifestações de heterogeneidade mostrada postulado por Authier-Revuz (1990), para este estudo, interessa-nos as noções de formas marcadas de aspeamento, argumento de autoridade.

Polifonia

Grosso modo, o conceito de polifonia corresponde à presença de mais de uma voz. Esse conceito, de certa forma, está diretamente ligado aos conceitos de dialogismo e heterogeneidade enunciativa, já que ambas as noções buscam distinção entre o eu e o outro, isso é, as possíveis vozes constitutivas do enunciado⁴.

Nesse estudo, recorreremos à Teoria Polifônica da Enunciação, especificamente ao conceito de polifonia de locutores apresentado por Ducrot (1987) para examinarmos as formas de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada e não marcada.

Ducrot (1987), em *O dizer e o dito*, contesta o pressuposto da unicidade do sujeito falante da enunciação, ou seja, que cada enunciado possui um e somente um autor.

⁴ Compreendendo enunciado como uma manifestação particular, como uma ocorrência aqui e agora de uma frase. Sendo assim, distingue-se de frase que é uma construção do linguista que permite dar conta dos enunciados (DUCROT, 1987).

O conceito de polifonia ducrotiano parte da noção de polifonia de Bakhtin, porém se diferencia da concepção bakhtiniana apresentada em *Problemas da poética de Dostoiévski* como uma categoria de texto literário e propõe dois tipos de polifonia: de locutores (mais de um locutor num mesmo enunciado) e a de enunciadores (mais de um enunciador num mesmo enunciado).

Nas palavras de Benites (2002, p.62), para entendermos esses dois tipos de polifonia, é necessário compreendermos que para o Ducrot,

[...] o locutor é o ser apresentado como responsável do enunciado. É a ele que se refere o pronome *eu* e as outras marcas de primeira pessoa presente no discurso. Esse locutor, ser do discurso, é diferente do sujeito falante, ser empírico, que é um elemento real da experiência, uma representação externa da fala, estranha àquela veiculada pelo enunciado.

Assim, na perspectiva ducrotiana, em um mesmo enunciado, se apresentam diversos sujeitos com estatutos linguísticos distintos: o do locutor, o do sujeito empírico e o do enunciador.

Aspeamento

No dizer de Authier-Revuz (2004), o aspeamento se constitui em marcas de uma manobra metalinguística de distanciamento, no seio do discurso. A palavra que é aspeada no fio do enunciado se estabelece para o receptor como objeto, o qual terá que dotá-la de responsabilidade, a fim de preencher o sentido que lhe é dado. Ou seja, ao utilizar-se das aspas, o locutor faz uso das palavras aspeadas a fim de desvelar a sua posição no seio do discurso.

Sendo assim, aspear uma palavra é, simultaneamente, comentá-la, com conotação de ironia, fidelidade, isenção de responsabilidade e condescendência, apontando para a presença do outro num processo polifônico na superfície discursiva do texto. Para Benites (2002, p.61), esse recurso “representa a evidenciação gráfica da heterogeneidade mostrada, na superfície do texto”, revelando a alteridade graficamente.

Na perspectiva de Authier-Revuz, as aspas são sinais de distância que o locutor pode utilizar nos textos escritos e são classificadas em autonomia e conotação autonímica.

Argumento por autoridade

A forma de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada denominada de argumento por autoridade descrita por Authier-Revuz (1990) consiste em citar uma autoridade constituída em sua área de atuação e, portanto, funcionando como um fiador do ponto de vista anunciado. Com efeito, a autoridade invocada tem que ser reconhecida como autoridade pelos seus pares e, ainda, os especialistas referenciados tem que concordarem entre si para que não haja contradição e enfraqueça os argumentos utilizados.

Sendo assim, esses sujeitos, referenciados como autoridades inquestionáveis, são, portanto, previamente eleitos e selecionados por uma suposta competência, como também pelo prestígio, pela reputação que determinado indivíduo possui socialmente, especialmente, a partir da posição hierárquica corporativa e/ou social que detêm.

Ducrot (1987, p.140) apresenta dois tipos particulares de argumentação por autoridade: a autoridade polifônica, diretamente inscrita na língua, e o raciocínio por autoridade, tipo de demonstração, como a indução, a recorrência e a analogia.

Os modificadores

Os modificadores consistem em palavras cuja função é modificar nomes e verbos de uma língua indicando o *topos* e a força com que serão aplicados a uma determinada situação/pessoa/fato. (ESPÍNDOLA, 2004). É nessa acepção, que este estudo compreende o papel dos modificadores, especificamente, adjetivos e advérbios, como força argumentativa polifônica no funcionamento da língua, observando a incompletude e a imprevisibilidade na textualidade.

Os *topos* são os pontos de vistas e apresentam duas formas tópicas que se aplicam através do locutor: diretas e conversas.

Análise e resultados

Nesta seção, apresentaremos as análises de um recorte de enunciados, selecionados a partir das produções textuais escritas nas respostas dos questionários, que constituíram o *corpus* deste trabalho. Compreendendo estes textos como objeto heterogêneo constitutivamente dialógico e polifônico.

Julgamos suficiente a apresentação de até quatro exemplos de ocorrências, quando possível, para ilustrarmos as reflexões aqui apresentadas de cada forma de heterogeneidade mostrada, já que, a nosso ver, se tornaria desaconselhável um número maior de exemplificações por sobrecarregar o texto.

O aspeamento como manifestação de heterogeneidade mostrada marcada em textos escritos por moradores de Estrela de Alagoas sobre a toponímia oficial e paralela.

Evidenciamos o aspeamento como uma das formas de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada na superfície das seguintes construções textuais (01), (02), (03) e (04).

TEXTO 01:

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade? **Bola**, de **Estrela** ou **Estrela de Alagoas**. Por quê?

Bola. Porque sempre gostei ~~o~~ e também um nome carinhoso que usamos, e também pelo fato Bola é o nosso símbolo e particularmente gosto do nome "Bola".

Nesse texto, quando perguntado qual o nome é usado para se referir a sua cidade e a razão dessa escolha, o locutor defende o uso do topônimo paralelo Bola como índice de pertencimento e identidade cultural. Em sua construção, coloca sua voz usando

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

marcas de primeira pessoa e preposições de opinião *sempre conheci assim, (...) eu, particularmente, gosto (...)*, percebemos que há um enunciado, assumido pelo locutor, e reforçado, em seguida, pelos enunciados *é um nome curioso que usamos, (...) tatu bola é nosso símbolo* que trazem argumentos para apoiar sua posição no enunciado.

O uso das aspas no topônimo “Bola” configura uma forma de heterogeneidade mostrada marcada de um posicionamento divergente com a voz institucional na escolha do nome da cidade. Nesse sentido, o enunciado contém a função locutor mostrando os diferentes pontos de vista expressos pelo enunciado: as vozes sociais do popular (representada pela comunidade local no uso do topônimo paralelo) e do institucional (representada pelo reconhecimento do topônimo oficial pela administração pública, Estado).

Ao aspear “Bola”, o locutor emite um julgamento sobre esse topônimo, argumentando por meio de seu conhecimento histórico, enciclopédico (que podem ser mais ou menos amplo, no caso a denominação toponímica de Bola, em razão de existirem na região, à época, muitos animais das espécies conhecida como tatu-bola-da-caatinga.) e a representação do mundo extralinguístico pelo linguístico em relação ao nome Bola (...) *também pelo tatu bola, é nosso símbolo*. É esse conhecimento de mundo que nos permite perceber e estabelecer a coerência global nesse texto (01).

TEXTO 02:

2. Entre os nomes **Bola, Estrela e Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

forma de nomear a cidade. por que, quando falamos “Bola” “Estrela” as pessoas não sabem nem o Estado que pertence

Diferentemente do caso anterior (01), quando perguntada qual a melhor forma entre os nomes Bola, Estrela ou Estrela de Alagoas para nomear a cidade, observamos que o locutor traz uma posição que cria efeitos de sentidos de reprovação à toponímia paralela.

Os sentidos construídos pelo enunciado fazem alusão à afronta, ao desrespeito à condição de município, desqualificando os topônimos populares Bola e Estrela e

rejeitando quaisquer possibilidades de aceitação/aprovação de uma toponímia paralela nesse jogo polifônico.

O uso das aspas como forma de heterogeneidade mostrada marcada, utilizado por duas vezes na materialidade textual nos topônimos populares, sinaliza para quem escreve e para quem lê uma posição convergente com a voz institucional na eleição lexical toponímica (...) *quando falamos “Bola” ou “Estrela” as pessoas não sabem nem o Estado que pertence*. Nesse enunciado, o locutor leva em conta os possíveis interlocutores, como sujeito do processo da interação verbal, para que eles possam entender a sua intencionalidade no escrito se utiliza do aspeamento.

Com base em Marcuschi (2008), a intencionalidade está ligada aos objetivos pretendidos pelo produtor do texto. Nesse véis, podemos dizer que o locutor, ao se apropriar das palavras aspeadas “Bola” e “Estrela”, procurou a suspensão de responsabilidade.

Nessa direção, o locutor aponta e enfatiza para a presença do outro na superfície discursiva do texto. Ele se posiciona, revelando sua intenção de traçar indícios de avaliação e emite um juízo de reprovação diante do uso do nome “Bola” e “Estrela”, usando o recurso do aspeamento.

TEXTO 03

3. Qual sua opinião sobre as pessoas que usam uma forma diferente para nomear a sua cidade? Elas estão certas ou erradas? Por quê?

Algumas pessoas estão erradas porque usam essa forma diferente as vezes com ironia e outras estão certas porque os mais velhos que hoje estão vivos eles se acostumaram a chama de 'bola'.

No texto (03), quando perguntada qual seria a opinião sobre as pessoas que usam a toponímia popular para nomear a sua cidade, o locutor, no jogo polifônico de vozes, se posiciona a favor da toponímia oficial a partir da perspectiva do outro (...) *algumas pessoas (...)*, colocando suas próprias posições.

Observamos, nessas construções textuais, que as vozes do institucional e do popular estão representadas numa disputa de posições opostas, colocada em cena pelo

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

locutor no enunciado: *Algumas pessoas estão erradas (...) e outras estão certas (...)* em um embate polifônico e dialógico.

Esse enunciado, marcado pela atitude comunicativa do locutor, mostra a presença do outro no seu texto, reforçando a ideia de que o uso da toponímia paralela pode representar; de um lado sentimento de pertença e/ou identidade, quando usada por moradores mais velhos; de outro uma emissão de valor, irônico e sarcástico, em relação à cidade.

Nesse texto (03), o aspeamento tem a função demarcatória dessa disputa de vozes sociais institucional e popular, o locutor marca um estranhamento quanto ao seu uso do nome “Bola” e os efeitos polifônicos de sentido por ele produzido.

Cumpramos lembramos que os sentidos não são pré-estabelecidos, mas construídos e depende do contexto sócio-histórico-ideológico para se estabelecerem, logo este signo toponímico no enunciado ganha interpretações, de acordo com a perspectiva ideológica dos grupos sociais, no momento da enunciação.

A palavra é a arena onde se disputam os valores sociais contraditórios, lugar de lutas que “refletem os conflitos de classe no interior do mesmo sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem.” (BAKHTIN, 2010, p.14). Com efeito, a linguagem se torna o lugar de debate e de conflito e, conseqüentemente, o léxico toponímico também.

TEXTO 04

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade ? **Bola**, de **Estrela** ou **Estrela de Alagoas**. Por quê?

Estrela de Alagoas, por que eu já aprendi a história da cidade pequena, e na época que eu era pequena as pessoas já não usavam mais o termo "Bola".

Também, nesse texto (04), quando perguntado qual o nome é usado pelo entrevistado para se referir a sua cidade e a razão dessa escolha, o locutor defende o uso da toponímia oficial como índice de pertencimento. Ele coloca sua voz se posicionando na superfície do texto por meio de marcas de primeira pessoa, enfatizando seu ponto de

vista (...) eu já aprendi (...) eu era pequeno as pessoas já não usavam mais o termo “Bola”. Mais uma vez, há o uso do aspeamento no topônimo paralelo “Bola” emitindo um juízo sobre esse nome e se posicionando diante das escolhas toponímicas.

Interessante observarmos que há uma regularidade no uso das aspas nas construções (01), (02), (03) e (04). Seguindo essa linha de pensamento, podemos dizer que os locutores utilizam a forma de aspeamento do tipo conotação autonímica para marcar graficamente um julgamento sobre os nomes populares e se posicionar perante eles com a finalidade de marcar a distância entre as palavras do locutor e as dos outros.

Ao nosso ver, isso se evidencia quando o recurso de aspeamento não foi utilizado também para destacar graficamente o topônimo oficial Estrela de Alagoas em nenhum dos textos que constituíram nosso *corpus*, mas para aspear sempre os topônimos paralelos “Bola” ou “Estrela”. Se assim for, as aspas podem estar caracterizando um comportamento de estranhamento em relação à toponímia paralela, ao topônimo popular, visto à margem da institucionalização, logo o aspeamento não é utilizado de maneira neutra ou aleatoriamente, mas como uma estratégia no funcionamento textual.

O argumento por autoridade como manifestação de heterogeneidade mostrada marcada em textos escritos por moradores de Estrela de Alagoas sobre a toponímia oficial e paralela.

Identificamos o argumento por autoridade polifônico como uma das formas de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada nas seguintes construções textuais (05), (06) e (07).

TEXTO 05:

2. Entre os nomes **Bola**, **Estrela** e **Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

Estrela de Alagoas, por que foi o nome escolhido por o
-pátre que auxiliou no crescimento da cidade, além do
que, o próprio nome em si torna a cidade mais
conhecida.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Nesse texto (05), quando perguntada qual a melhor forma entre os topônimos Bola, Estrela ou Estrela de Alagoas para nomear a cidade, o locutor advoga em favor do uso da toponímia oficial, recorrendo ao argumento de autoridade polifônico. Em sua construção, há um enunciado, assumido pelo locutor *Estrela de Alagoas, por que foi o nome escolhido por o padre que auxiliou no crescimento da cidade*, e reforçado, em seguida, pelo enunciado *além do que, o próprio nome em si torna a cidade mais conhecida*, para apoiar sua posição.

No enunciado há a função locutor que lança mão do argumento por autoridade em defesa do uso do nome institucionalizado, fazendo alusão à figura de um padre *Estrela de Alagoas, por que foi o nome escolhido por o padre (...)*, esse argumento de autoridade recupera a figura do padre Ludgero, sacerdote da congregação religiosa dos padres do Sagrado Coração de Jesus da paróquia de Palmeira dos Índios, celebrou a primeira missa no povoado, em 1952, e que propôs a mudança toponímica de Bola para Estrela, sugestão acatada pela comunidade e, posteriormente, institucionalizada para designar o então povoado Bola.

Nessa direção, o locutor atribui ao referido religioso poder de autoridade oriundo das representações que a Instituição Igreja possui socialmente, especialmente, a partir da posição hierárquica que detêm para esse grupo social, como estratégia de persuasão entre o produtor e o receptor, apoiando na figura do padre a sua posição em defesa do uso do nome oficial Estrela de Alagoas.

TEXTO 06:

2. Entre os nomes **Bola**, **Estrela** e **Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

Estrela de Alagoas. pois é o nome que o seu Adalberto escolheu e é mais bonito

Nesse caso (06), quando perguntada qual a melhor forma entre os nomes Bola, Estrela ou Estrela de Alagoas para nomear a sua cidade, o locutor também defende o uso da toponímia oficial, recorrendo ao argumento de autoridade polifônico. Em sua construção, há um enunciado, assumido pelo locutor *Estrela de Alagoas pois é o nome*

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

que seu Adalberon, e reforçado em seguida pela adjetivação intensificada *é mais bonito* para apoiar sua posição de convergência ao uso da toponímia oficial.

Nessa direção, o locutor recorre ao argumento por autoridade, recuperando a figura do primeiro prefeito do município, Sr. Adalberon Alves Duarte, empossado no dia 01 de janeiro de 1993, data da instalação da referida unidade político-administrativa municipal do Estado de Alagoas.

No enunciado (06), para imprimir maior credibilidade ao seu dizer, o locutor atribui à posição política e social do referenciado um poder legalidade, uma autoridade inquestionável pelo prestígio sócio-econômico e político que o mesmo possui na região, especialmente, a partir da posição hierárquica que detêm para esse grupo social, como estratégia de persuasão dos interlocutores/leitores.

TEXTO 07:

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade ? **Bola, de Estrela ou Estrela de Alagoas.** Por quê? *Estrela de Alagoas porque quando eu era pequena a minha mãe mim falou que antes era Bola mais passou a ser cidade e é chamada de Estrela de Alagoas.*

No texto (07), temos mais um caso em que o locutor, visando a validar seu ponto de vista no enunciado, a torná-lo mais verossímil sobre a oficialização do topônimo Estrela de Alagoas sinaliza para o argumento de autoridade polifônico. Em sua construção, coloca sua voz no funcionamento do texto usando marcas de primeira pessoa como índice de pertencimento.

No enunciado contém a função locutor que lança mão da autoridade materna, constituída socialmente pelo poder matriarcal de mandar ou proibir associado à confiabilidade, *minha mãe mim falou (...)*. Nessa direção, o interlocutor/leitor é conduzido a uma determinada conclusão, a fim de aceitar uma ideia específica defendida pelo locutor (...) *antes era Bola mas passou a ser cidade e é chamada de Estrela de Alagoas*. Logo, o locutor encontrou no argumento de autoridade uma forma de argumentar que direciona para o êxito a tarefa de convencer.

Interessante observarmos que há uma regularidade, quanto ao uso do argumento de autoridade, nas construções (06), (07) e (08) analisadas. Nessa perspectiva, podemos dizer que o locutor utiliza um argumento capaz de silenciar o outro ou fazer prevalecer seu ponto de vista, estrategicamente, no funcionamento textual sempre que pretendem sobrepor a voz popular no jogo polifônico.

Assim, para imprimir maior força argumentativa em suas construções, visando a validar seu posicionamento convergente ao uso do nome oficial Estrela de Alagoas, o locutor utiliza argumentos e fundamenta-os com as vozes autorizadas e reconhecidas como de autoridade.

Nessa direção, o locutor recorre ao argumento de autoridade, seja recuperando uma figura religiosa (padre Lugdero), política (Adalberon Duarte) ou matriarcal (mãe), sempre foi em defesa do ponto de vista institucional, dito de outra forma, da aprovação/aceitação do uso do topônimo oficial Estrela de Alagoas em reprovação/rejeição à toponímia paralela, aos topônimos populares Bola e Estrela usados pela comunidade. Com efeito, atribuem o *status* de cidade, a noção de crescimento urbano ou a ideia de progresso à institucionalização de seu topônimo oficial (reconhecido pelo Estado).

Os modificadores adjetivos e advérbios em textos escritos por moradores de Estrela de Alagoas sobre a toponímia oficial e paralela.

Nos textos (08), (09), (10) e (11), enfocaremos o papel dos modificadores adjetivantes e adverbiais como escala argumentativa polifônica, utilizados pelos locutores nos enunciados na busca da aceitação de seus pontos de vistas.

TEXTO 08:

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade ? **Bola**, de **Estrela** ou **Estrela de Alagoas**. Por quê?

Para se referir a minha cidade chamo ela de Estrela de Alagoas.
Porque é muito lindo de se ver o povo de estrela.

Nesse texto (08), quando perguntada qual o nome é usado para se referir a cidade e a razão dessa escolha, o locutor defende o uso da toponímia oficial. Em sua construção, põe em cena sua voz no funcionamento do texto usando marcas de primeira pessoa e preposições de opinião *Para se referi a minha cidade chamo (...)*, há um enunciado, assumido pelo locutor (...) *chamo ela de Estrela de Alagoas (...)*, e reforçado em seguida pelo enunciado (...) *é muito lindo de se ver o povo de Estrela (...)* que traz argumentos e subjetividades para apoiar seu ponto de vista, fazendo uso dos modificadores (...) *é muito lindo (...)* com o intuito de efetuar a comunicação desejada.

Na superfície desse texto, as unidades lexicais *muito* e *lindo* estão modificando polifonicamente a força argumentativa do verbo. Esses modificadores estão fornecendo para quem escreve e para quem lê sinalizações sobre as intenções comunicativas do locutor.

TEXTO 09

2. Entre os nomes **Bola**, **Estrela** e **Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

Estrela de Alagoas porque na minha opinião é um nome mais bonito de se chamar.

Nesse texto (09), quando perguntada qual o nome é usado para se referir a cidade e a razão dessa escolha, o locutor defende o uso da toponímia oficial. Em sua construção, põe em cena sua voz no funcionamento do texto usando marcas de primeira pessoa e preposições de opinião (...) *na minha opinião (...)*, reforçando seu ponto de vista pela adjetivação intensificada que traz argumentos de subjetividades.

Para sustentar sua opinião com relação ao topônimo oficial, faz uso dos modificadores (...) *é mais bonito (...)* com o intuito de efetuar a comunicação desejada, recorrendo ao advérbio *mais* intensificando a adjetivação avaliativa *bonito* mostrada na superfície textual e aumentando a escala argumentativa do predicado ao qual é aplicado no enunciado.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Segundo Benites, (2002, p.136) “o atributo ou especificação, em geral, não estão propriamente no ser a que o adjetivo se refere, mas na imagem que o sujeito dele faz”.

TEXTO 10:

2. Entre os nomes **Bola**, **Estrela** e **Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

Estrela de Alagoas, pois é um nome muito bonito na qual da valor a cidade.

Nesse texto (10), o locutor marca seu posicionamento com relação à toponímia institucionalizada no funcionamento textual por meio dos modificadores, *nome mais bonito (...)*, que além de aumentar a força argumentativa, emitem comentários avaliativos subjetivos do locutor (...) *dar valor a cidade*. Nessa construção, ele usa estratégias discursivas responsáveis pelo efeito de subjetividade que atribui ao nome oficial Estrela de Alagoas uma valoração que exerce relevância na tarefa de influenciar o leitor no processo de construção de sentido do texto, ou seja, não é um nome apenas bonito, mas um nome muito bonito para nomear a cidade.

TEXTO 11:

2. Entre os nomes **Bola**, **Estrela** e **Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

Estrela de Alagoas por que temo uma monarca mais adequada e mais oficial de se usar para se dirigir a ela.

Por fim, pontuamos que, mais uma vez, o locutor no enunciado recorre ao uso dos modificadores advérbios e adjetivos como recurso linguístico no funcionamento textual para sinalizar sua posição em favor da voz institucional da toponímia oficial.

O locutor retoma por duas vezes o advérbio *mais* e enfatiza seu ponto de vista no enunciado apresentando argumentos por meio da adjetivação que a seu ver favorecem a

escolha toponímica institucionalizada (...) *por se torna uma maneira mais adequada e mais fácil de se usar* (...). Os modificadores, mais uma vez usados pelo locutor, contribuem para um efeito de sentido ao enunciado.

Interessante observarmos que há uma regularidade, quanto ao uso dos modificadores adjetivantes e adverbiais como força argumentativa polifônica, nas construções (08), (09), (10) e (11) analisadas. Nessa perspectiva, podemos dizer que os locutores fazem uso dos modificadores, estrategicamente, no funcionamento textual sempre que pretendem exaltar, valorizar a toponímia oficial e sobrepor a voz popular no jogo polifônico.

Nesse sentido, os adjetivos *lindo*, *bonito*, *fácil* e *adequado* qualificando e os advérbios *muito* e *mais* conferindo uma circunstância modificam o sentido do topônimo oficial nessas construções textuais, destacando ao nome Estrela de Alagoas. Nos enunciados (08), (09), (10) e (11) analisadas, essa unidade lexical não é vista como apenas linda e bonita, mas um nome muito mais lindo e bonito para designar o referido município alagoano.

Considerações finais

De acordo com os dados, podemos afirmar que as manifestações de heterogeneidades se mostraram pela polifonia de locutores e estão presentes no funcionamento textual que tem em sua origem sujeitos falantes moradores do município de Estrela de Alagoas, que apresentaram uma intencionalidade comunicativa sobre a toponímia oficial e paralela, assumidas por locutores no enunciado.

É importante frisarmos que o locutor não é um sujeito empírico, mas uma figura enunciativa que convoca determinado(s) ponto(s) de vista e o que está explícito, na superfície textual, é um dos componentes da construção do sentido de um texto, mas não é o único.

Esses textos se caracterizaram como objeto constitutivamente polifônico e dialógico, nos quais as vozes sociais do popular e do institucional, entre outras, e as representações que esses grupos sociais fazem desses topônimos se manifestaram por meio de formas de heterogeneidades mostradas marcadas aspeamento, argumento por

autoridade e modificadores, especificamente, os advérbios e os adjetivos, sinalizando posicionamentos e atribuindo efeitos de sentidos de aceitação e/ou negação dessa característica toponímica do município Estrela de Alagoas.

Referências

AUTHIEZ-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Cadernos de estudos lingüísticos, v. 19, p. 25-42, 1990.

_____. **Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKTHIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BENITES, S. A. L. **Contando e fazendo história: a citação no discurso jornalístico**. São Paulo: Artes & Ciências, 2002.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras – vol. 1**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 245-285.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1984.

ESPÍNDOLA, Luciene C. Retórica e argumentação. In: SILVA, Joseli Maria da; ESPÍNDOLA, Luciene C. (Orgs.). **Argumentação na língua: da pressuposição aos *topoi***. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto 2014.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ISQUERDO, Aparecida. Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. vol. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, P. A. G. de. **O nome de lugar: possíveis sentidos atribuídos aos topônimos de povoados de Alagoas**. In: Odisseia – PPgEL/UFRN, Natal, n. 14, p. 69-89, jan.-jun. 2015. Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/odisseia>>.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

MENDONÇA, Carlos Alberto Pinheiro et al. **Enciclopédia Municípios de Alagoas**. 3. ed. amp. atual. e ver.. Instituto Arno de Mello. Maceió. Núcleo de Projetos Especiais. 2012, 540 p. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/525211-Enciclopedia-dos-Municipios-de-Alagoas/>>. Acesso em 10 de ago de 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus / Luiz Carlos Travaglia. – 5 ed. – São Paulo: Cortez, 2000.